

Passam Menos Barcos

Rubem Braga

Eu não preciso consultar estatísticas do movimento do pôrto do Rio; afirmo tranqüilamente que de uns anos para cá êle caiu. É que da varandinha de meu apartamento na rua Prudente de Moraes eu via passar os barcos vindo do Sul ou indo para o Sul. Depois foram sendo derrubadas as casas da praia de Ipanema e levantados edifícios; fiquei apenas com a visão de uma estreita faixa de mar entre dois prédios, que não dava para eu exercer minhas funções gratuitas de fiscal de navegação do Atlântico Sul... Mudei-me, porém, para um terraço alto na Barão da Torre e daqui, sôbre os terraços dos edifícios de Copacabana e Ipanema, erigidos de antenas de televisão, vejo todos os barcos que passam, até além das ilhas Tijucas. Os amigos que aparecem me ajudam a fiscalizar o mar e as estrêlas. Alguns são sujeitos a ilusões de ótica. Assim Joel Silveira, ao crepúsculo, quando um cargueiro saiu detrás de um edifício da praia e, infletindo para alto mar, apareceu com suas luzes entre um terraço e as ilhas Cagarras, exclamou — «menino, aquêles navio está decolando!»

Mas Paulo Mendes Campos, outro velho espião naval, depois de algum tempo de terraço, fêz a observação correta:

«E aquêles barcos cheios de madeira serrada que vinham do Sul? Nunca mais vi nenhum...»

Na verdade êles não passam mais. Suponho que vinham do Paraná, carregados de tábuas; e como continuam a chegar tábuas ao Rio, presumo que elas estejam vindo por terra. Cargas e passageiros preferem os caminhões e ônibus, faz como Caími, ninguém mais pega um Ita no Norte. O transporte marítimo, teòricamente mais barato a partir de certa distância, resulta mais caro.

Entre os motivos dêsse encarecimento estão, sem dúvida, os privilégios dos trabalhadores dos portos. Êsses homens conseguiram, através dos tempos, uma tal série de vantagens — adicionais, férias em dôbro, garantias durante inatividade, salários-chuva, pagamentos extraordinários, etc. — que muitos dêsses proletários conseguiram mudar de classe: o meu açougueiro em Ipanema é um estivador muito bem remunerado, embora não pegue mais no pesado... É antipático falar contra vantagens salariais em um país de desnível social tão grande como o Brasil, mas a verdade é que os portuários conseguiram uma situação de privilégio entre os demais trabalhadores. Uma vez o então presidente João Goulart, querendo provar que tinha prestígio entre os operários, desafiou o governador Magalhães Pinto: «quando fôr ao Rio, vá comigo ao Cais do Pôrto para ver como estou forte entre os operários». E Magalhães Pinto:

— Lá não preciso ir. Aquêles operários são todos depositantes de meu banco, são bons clientes do Nacional.

O fato é que, depois da Revolução, muitos dos tais privilégios foram suprimidos — e até agora a navegação continua borocoxô. Antes de apertar mais as cravelhas no campo trabalhista, convém que o govêrno estude todos os outros fatores, principalmente os burocráticos, que estão matando a cabotagem no Brasil. Eu, que não sou exportador nem importador, mas que já tive duas vêzes bagagem minha saqueada, posso sugerir um: os ratos de bordo e os ratos de pôrto...

23.7.65